

A RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÓSPERA EM A *TEMPESTADE*

Elinês OLIVEIRA
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Desde os seus primórdios, quando ainda era mudo, o cinema e o teatro shakesperiano vêm mantendo diálogos profícuos. Uma das primeiras obras do bardo adaptadas para aquela linguagem, então incipiente, foi *Antonio e Cleópatra* adaptada pelo francês Henry Adréani em 1911. Com a sofisticação que as novas tecnologias proporcionaram à linguagem cinematográfica, ao longo de todo o século XX, centenas de adaptações fílmicas foram realizadas a partir da obra do dramaturgo inglês, resignificando e perenizando o teatro shakesperiano. Uma concretização recente do diálogo acima descrito é a adaptação do texto dramático *A tempestade*, escrito por William Shakespeare em 1611, e a tradução cinematográfica homônima dirigida por Julie Taymor em 2010. Em sua adaptação, Taymor realiza uma mudança substancial: transforma Próspero (personagem central da peça de Shakespeare) em Próspera, uma mulher dotada de poderes políticos e conhecimentos científicos que destoam do mundo masculino vigente à época. Dessa forma, este trabalho pretende analisar a resignificação semiótica que a escolha de Taymor operou sobre o texto dramático. O alicerce teórico da análise será fundamentado por Erika FISHER-LICHTE (1992) e Linda HUTCHEON (2011).
PALAVRAS-CHAVE: Shakespeare; *A tempestade*; Semiótica.

ABSTRACT: *Since its very beginning, when it was silent, the cinema and the shakespearean drama have been maintaining a solid dialogue. One of the first Shakespeare's plays adapted to this so recent language was the play Anthony and Cleopatra, adapted by the French director Henry Adréani, in 1911. With the sophistication that the new technologies proportioned to the cinema, along the twentieth century, hundreds of filmic adaptations were made from the bard's plays, resignifying and consolidating the Shakespearean drama. One recent sample of this dialogue can be realized through the filmic adaptation of The Tempest, written by William Shakespeare in 1611, and the homonymous filmic translation of it directed by Julie Taymor in 2010. In her adaptation, Taymor operates a substantial changing: she transforms Prospero (main character of Shakespeare's play) in Prospera, a woman who detains both political power as well as scientific knowledge which sounds strange to the determinant masculine context of the epoch. Thus, this paper intends to analyze the semiotic impact that the resignification chosen by Taymor operated over the meaning of the dramatic text itself. The theoretical support of the analysis will be provided by Erika FISHER-LICHTE (1992) and Linda HUTCHEON (2011).*

KEYWORDS: Shakespeare; *The tempest*; Semiotics.

Introdução

A tempestade, filme dirigido por Julie Taymor em 2010, é baseado na peça homônima escrita por William Shakespeare em 1611 e publicada em 1623. Dessa forma, um ano depois da adaptação de Taymor chegar aos cinemas, a peça completou quatrocentos anos. Não obstante toda essa maturidade, o texto dramático de Shakespeare atravessou estes quatro séculos estabelecendo diálogos profícuos com linguagens das mais variadas, dentre elas, pode-se citar a pintura, a ilustração, a música, o balé e, mais recentemente, o cinema e a televisão.

No caso específico do cinema, encontramos versões em curta-metragem dessa peça datando de 1905, 1911 e 1921 e versões em longa metragem de 1939 – direção de Dallas Bower; 1960 – direção de George Shaefer, estrelando Richard Burton e também uma versão de 1979, dirigida por Derek Jarman. Cabe salientar que, em todo percurso cinematográfico anterior à versão de 2010, o personagem vivido por Próspero esteve em consonância com aquele criado pelo dramaturgo William Shakespeare.

Antes de analisarmos as implicações semânticas que a adaptação empreendida por Taymor operou sobre o texto dramático, faz-se necessário um breve resumo do enredo da peça que será descrito na próxima seção.

I - A tempestade

A *tempestade* é reconhecidamente a última peça escrita por Shakespeare. O drama se passa em plena Itália renascentista, mas precisamente na cidade de Milão. Próspero, então Duque de Milão, confia o governo do seu reino ao seu irmão Antônio para poder dedicar à busca do conhecimento e à arte da Alquimia, conforme ele mesmo sinaliza em dois momentos de sua fala:

PRÓSPERO Não foi só por dignidade mas por ímpar
Nas **Artes liberais**, por cujo estudo
Entreguei o governo ao meu irmão,
**Tornando-me um estranho ao meu Estado,
Estudando o secreto.**
(SHAKESPEARE, 2011, p.21 – grifo nosso).

.....
**Eu, esquecido do mundo e dedicado
Sempre ao oculto e ao cultivo da mente**
Com aquilo que, por ser muito avançado
Não atraí muita gente.
(SHAKESPEARE, 2011, p.22 – grifo nosso).

“Artes liberais” era um sinônimo usado para a Alquimia e, na fala do protagonista, verifica-se a necessidade demandada de tempo para o seu estudo, bem como o alto nível de erudição que estes estudos exigiam de seus iniciados. Assim, para viver a plenitude desta experiência, Próspero entrega a Antonio o governo do Estado. Portanto, aproveitando-se da confiança do irmão e do poder a ele concedido, Antonio trai Próspero dando um golpe de Estado. No entanto, Antonio não mata o irmão, como seria de se esperar, mas o deixa à própria sorte, em um barco à deriva, junto com sua filha Miranda, que ainda não tinha três anos completos. Gonzalo, um nobre milanês, compadecido da situação de Próspero e sabendo da importância dos livros em sua vida, coloca dentro do barco os volumes que ele mais prezava.

O destino leva pai e filha para uma ilha mágica, habitada apenas por Calibã e pelo espírito Ariel. Em uma ironia dramática, o mesmo Próspero que abdicou ao poder de Milão, após sua chegada à ilha passa a governar absoluto, escravizando tanto Calibã quanto Ariel, até o dia em que ele tem oportunidade de vingar-se do irmão e dos nobres milaneses que o traíram no passado, armando para isso a tempestade que dá título à peça e que destrói o barco no qual se encontra todos os seus inimigos, forçando-os a um acerto de

contas com o antigo Duque. Em linhas gerais, este é o resumo do enredo. Partiremos agora para a análise da ressignificação de Próspera que é o objeto desse artigo.

II- A ressignificação de Próspera

A ressignificação da personagem será analisada a partir de fragmentos semióticos menores que consideramos nucleares para a operação empreendida por Taymor e que serão analisados isoladamente. São eles a questão do gênero da personagem, o cabelo, os instrumentos mágicos - a capa, o cajado e os livros, e por último, o vestuário.

1. O gênero

A mudança de gênero do personagem principal do texto dramático – Próspero, que passou a ser Próspera na versão de Taymor – não implicou em mudanças drásticas na transposição dos diálogos do texto dramático para o texto fílmico, fato que não teria acontecido se, a mesma operação de mudança de gênero tivesse sido aplicada ao personagem Hamlet, por exemplo.

Entretanto, essa operação permitiu a abertura de outras possibilidades de leitura, assim como a inscrição de Próspera não apenas nos debates levantados pelas questões de gênero no espaço da pós-modernidade, como também o diálogo com o passado da cultura anglo-saxã, na qual o papel da mulher tinha reconhecimento garantido, uma vez que ela era o pilar estruturador, o sustentáculo daquela sociedade matriarcal.

Na versão fílmica, os poderes ocultos praticados por Próspera também estabelecem diálogos com outras personagens femininas que os praticavam como, por exemplo, a mãe do monstro Grendel do épico Beowulf e a própria Sycorax, a bruxa argelina que é a mãe de Calibã em *A tempestade*. Obviamente, que as duas últimas personagens citadas não possuem a sofisticação intelectual apresentada por Próspera, mas as três podem ser conectadas a partir de dois pontos: todas são mães e todas são consideradas senhoras da magia, em outras palavras, bruxas.

No filme *A tempestade* (2010), Antônio acusa Próspera de ser praticante de magia negra. Na cena na qual Próspera explica a Miranda a sua origem e a razão pela qual as duas foram parar naquela ilha, ela esclarece à filha como Antônio, valendo-se desse argumento, a traiu:

Pervertendo meus estudos pendentes,
Agora com suas calúnias e seu pincel mergulhado
Pintaram um retrato infiel
Sua irmã, uma praticante de magia negra!
Um demônio, não, uma mulher, ou melhor, uma bruxa!
E ele sabendo bem que outras do meu sexo,
Haviam sido queimadas por menos do que isso! (07min042s)

No recorte anterior, nota-se que a condição feminina de Próspera e à sua dedicação ao estudo da Alquimia, são transformadas por seu irmão em armadilhas para destituí-la do poder. A cena, que foi certamente escrita para justificar a mudança de gênero da

personagem no filme, sinaliza para os horrores praticados contra as mulheres durante a Inquisição e que, em consonância com a ressignificação empreendida pela personagem, a tornaria uma candidata em potencial àquela perseguição.

Uma vez sinalizadas algumas das novas redes de significação construídas a partir da mudança de gênero da personagem principal, partiremos agora para a análise de outras redes semióticas que se formam a partir da rede tecida pelo gênero. O cabelo da personagem é responsável pela constituição de uma dessas novas tramas, como veremos a seguir.

2. O cabelo

Os signos gerados pela aparência do cabelo do ator são de grande relevância na análise semiótica seja da *performance* teatral, seja como é o caso, do filme que estamos analisando, uma vez que a análise dessa categoria é vital para a ressignificação da personagem Próspera. De acordo com Erika Fisher-Lichte (1992), a interpretação do cabelo como signo deve levar em conta quatro parâmetros: a quantidade de cabelo, a cor do cabelo, a textura do cabelo e o comprimento do cabelo. (cf. FISHER-LICHTE, 1992, p.78).

Ao cotejar-se Próspero, o mago da peça *A tempestade*, com Próspera percebe-se que o primeiro é sempre representado com cabelos longos e volumosos. Enquanto a Próspera, de Taymor, é concebida com os cabelos curtos, desestruturados, repicados e totalmente brancos. *A priori*, a leitura que se faz é de que o corte de cabelo de Próspera inscreve a personagem na contemporaneidade. Entretanto, investigando-se a simbologia desse signo percebe-se o quanto ele se desdobra em uma miríade de significados. Alguns deles, passaremos a explorar agora.

Ao investigar-se a simbologia do cabelo, a primeira observação recai sobre o seu comprimento. Verifica-se que os cabelos, ao serem compridos, representam a força e a virilidade no homem, pode-se citar, como exemplo, o mito bíblico de Sansão. Destarte, associações dessa natureza são encontradas também em culturas tanto orientais como ocidentais. Em contrapartida, os cabelos curtos no homem eram uma representação da emasculação, ou seja, implicaria em dizer que aquele homem teve a sua genitália extirpada.

Com relação às mulheres, o cabelo sempre foi uma das grandes marcas do feminino. A sensualidade feminina exposta através da longa cabeleira fez com que, na Idade Média, as mulheres fossem obrigadas a cobrir os seus cabelos para afastar o desejo que eles provocariam nos homens. Os cabelos curtos na mulher, por sua vez, significava um indício de penitência ou de renúncia. As noviças ao abraçarem a causa religiosa cortavam os seus cabelos renunciando simbolicamente tudo o que as ligava à vida mundana.

Após essa breve explanação, faremos uma ponderação a respeito do cabelo de Próspera. Se lermos o seu corte de cabelo dentro dos parâmetros da atualidade, pode-se afirmar que ele indica o novo, o moderno. Contudo, ele também pode ser visto como uma simbologia do poder masculino, uma vez que se apresenta curto. Dessa forma, o cabelo seria um símbolo da masculinização da personagem, ao mesmo tempo em que a inscreve no espaço da pós-modernidade, no qual mulheres maduras, independentes e socialmente projetadas adotam este corte de cabelo por ser prático e exigir poucos cuidados.

Analisando-se o cabelo de Próspera a partir dos parâmetros apontados anteriormente por Fisher-Lichte (1992), pode-se afirmar que a quantidade do cabelo da personagem gera pouco volume fato que, quando aliado às rugas proeminentes que se destacam da sua face, reforça a ideia de maturidade de personagem, já que ao envelhecer, os cabelos perdem vigor e se tornam mais escassos. Ainda com relação a este parâmetro, Fisher-Lichte (1992) aponta que o fato de alguém possuir uma grande quantidade de cabelos poderia também ser um signo do mal, pois demônios cabeludos foram retratados em muitas pinturas, para informar através da vasta cabeleira, a força e a potência descomunal que eles possuíam (cf. FISHER-LICHTE, 1992, p.78).

Com relação à cor, o cabelo da personagem Próspera é totalmente branco, o que levanta algumas conjecturas. Uma delas é que apesar dela ser uma mulher madura, cronologicamente ainda não estaria na idade de ter os cabelos completamente brancos. Um das deduções que se pode fazer é que o cabelo branco seria o signo que demonstraria que o período de isolamento que ela passou na ilha havia envelhecido a personagem para além da sua idade cronológica. Tanto que, em sua penúltima fala, no último ato da peça, quando o conflito encontra-se solucionado, ela diz que depois do casamento de Miranda e Ferdinando em Nápoles, ela irá para Milão onde, segundo a fala da própria personagem, ela irá “pensar muito na morte”. (SHAKESPEARE, 2011, p.103).

Quanto à textura, o cabelo de fibra lisa comunica à audiência que a personagem pertence à cultura europeia, considerada a única civilizada da época. Assim como Próspera, todos os outros nobres que se encontravam no navio naufragado sob a tempestade possuem a mesma fibra de cabelo. Apenas Calibã, filho da bruxa argelina Sycorax com o demônio é que tem o cabelo muito curto e encaracolado. O que não é de admirar já que ele representa a selvageria e não a civilização dentro do universo cênico.

A última categoria apontada por FISHER-LICHTE (1992) está vinculada ao comprimento dos cabelos. Como já foi dito anteriormente, o cabelo de Próspera em toda a narrativa fílmica apresenta-se muito curto. Apenas em uma cena rápida (06min46s), na qual ela conta a Miranda sobre sua verdadeira origem, são apresentadas imagens em *flashback* que mostram a protagonista quando esta ainda era a Duquesa de Milão. Nessa breve cena, Próspera é retratada doze anos atrás, na corte, com os cabelos longos e trançados. Tanto no velório do marido, como quando trabalhava em seu laboratório ou ainda mesmo quando dormia, nota-se que o seu cabelo é longo e bem cuidado. O fato de está preso em formato de trança gera um significado peculiar. Chevalier & Gheerbrant (2009) afirmam que a trança longa e farta era o penteado da nobreza. Na época gaulesa, os cabelos eram arranjados em uma única trança, de apenas um lado da cabeça. (cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 895). E é exatamente dessa maneira que Próspera é caracterizada enquanto ainda era a duquesa de Milão. Outro significado da trança pode ser a ideia de prisão, já que o cabelo fica preso. Pode-se inferir, portanto, que no ducado, apesar de possuir o apoio incondicional do marido para dedicar-se aos estudos, ela ainda estaria presa ao padrão social traçado para a mulher, assim como a trança que mantinha presos os seus cabelos.

Ao contrário do que acontece na ilha. Seu cabelo, antes preso, ganha liberdade. Curto e sem forma definida, o cabelo de Próspera é a representação da personagem em sua plenitude, absoluta em seu poder, assim como seu espírito. Outra leitura pode ser feita

ainda dos cabelos curtos e repicados adotadas pela personagem em sua estada na ilha. Dessa vez, a leitura sinaliza para dessexualização da protagonista, que, através dos seus cabelos curtos renúncia à sua feminilidade, antes expressada por seus cabelos longos.

3. Os instrumentos mágicos: a capa, o cajado e os livros

Como já se afirmou anteriormente, seja no texto dramático, seja no texto fílmico, *A tempestade* retrata Próspero(a) como um praticante da Alquimia. Considerada como uma arte de caráter interdisciplinar, a Alquimia oscilava entre a religião e a magia, entre a química e a matemática, entre a astrologia e a filosofia. Acreditava-se que os iniciados nesses estudos possuíam a fórmula mágica que transformaria metais de qualidade inferior em ouro e também retinham o conhecimento da fórmula do elixir da longevidade. Para completar a caracterização da alquimista vivida pela personagem são agregados três instrumentos que aparecem tanto no texto dramático, quanto no fílmico: são eles a capa, o cajado e os livros. Dessa forma essa seção discutirá a relevância de cada um dos elementos, respectivamente, enumerados acima. Nossa análise iniciará com a seguinte cena de *A tempestade*:

PROSPERO Mas é hora
De informá-la melhor. Dê-me sua mão,
E ajude-me a tirar a **capa mágica**. (*pousa a capa*)
Jaz aí, minha arte.
(SHAKESPEARE, 2011, p.19 – grifo nosso)

O recorte destacado é parte integrante da cena ii, do primeiro ato de *A tempestade* na qual Próspero explica a Miranda quem ela é e porque eles se encontram naquela ilha deserta. Percebe-se na fala de Próspero a referência às propriedades mágicas da capa, quando vestida. Tanto que ele a usava quando invocou a tempestade, e, ao despir-se dela, exclama “Jaz aí a minha arte”. Ou seja, despido da capa, acabavam-se os poderes sobrenaturais do personagem. No entanto, que outras significações estariam escondidas sob as dobras do manto mágico de Próspero(a)?

De acordo com o Dicionário de Símbolos de Chevalier & Gheerbrant (2009), a primeira leitura que se faz da representação da capa encontra-se ligada à realeza e ao poder. O manto vermelho, por exemplo, era usado na antiguidade pela nobreza romana. E, segundo a Bíblia, durante a crucificação de Jesus os soldados, por chacota, o cobriram com um manto vermelho e puseram sobre sua cabeça uma coroa de espinhos. Nesse contexto, o manto vermelho adquire também a conotação de sofrimento. Parafraseando ainda Chevalier & Gheerbrant, dentro da simbologia bíblica, as imagens de Nossa Senhora são sempre envoltas num manto azul ou branco, numa alusão ao céu e à candura de Maria. (cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 588-9).

Além da conotação de nobreza, Chevalier & Gheerbrant (2009) apontam que a capa ou manto é acima de tudo, um símbolo de metamorfose. Ou seja, ao vestir uma capa, a pessoa passa a ter o poder de se metamorfosear, de assumir a forma que quiser. Chevalier & Gheerbrant (2009) apresentam mais um significado que seria representado pelo manto: a sabedoria. Além dos reis, os sacerdotes e os sábios também usavam mantos. Logo, vestir esta peça indicava sabedoria e poder. (cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 588-9).

A capa mágica do texto dramático aparece também em grande parte das imagens pictóricas que representam o personagem Próspero. Ele é sempre retratado usando um manto vermelho, fato que coaduna com a ideia de que ele continua detendo em suas mãos o poder e a sabedoria.

No caso do filme, a capa de Próspera não só é mantida como também é ressignificada, como será demonstrado a seguir. Na versão de Taymor, a capa de Próspera deixa de ser vermelha, como é sempre convencionalmente representada, passando a ser confeccionada não mais de tecido, mas sim de pedaços de plástico. Na verdade, cerca de três mil pedaços de plástico reciclados foram pintados e costurados juntos para se obter a capa que Próspera usa no filme¹. O resultado dessa atualização realizada no material de confecção, é visualmente impactante. Ainda no início do filme (03min23s), na cena em que se vê Próspera posicionada sobre um rochedo, invocando a tempestade que faz o navio inimigo naufragar, mostra a personagem envolta na capa, sugerindo uma plumagem de ave. Ao levantar os braços, ela parece ser um grande pássaro em posição de voo. O brilho dos milhares de pedaços de plástico habilmente costurados, reluz diante do espectador através de um jogo de luz furta cor, passando ao mesmo tempo beleza e leveza indescritíveis.

Logo, se conclui que, enquanto signo semiótico, a capa preserva a tradição na qual apenas os poderosos e sábios poderiam usá-lo. No entanto, o fato de Próspera usar uma capa de plástico reciclado inscreve a leitura fílmica o momento atual, já que estes materiais são um signo da contemporaneidade e da preservação ambiental. É mais um elo do diálogo do passado com o presente estabelecido durante todo o filme, e que, nesse momento, tem no signo da capa o seu elemento de ligação.

O segundo elemento sobre o qual vamos erigir algumas conjecturas é o cajado utilizado por Próspera. Assim como a capa, o cajado é outro objeto imprescindível da caracterização da personagem, exercendo uma relação de complementaridade com o primeiro, principalmente no que se refere ao poder real. Assim como a capa, o cajado pode ser entendido como um cetro, objeto que também é um indício de poder.

Transversalmente, outros significados emanam do cetro. Por seu formato alongado e pela natureza de sua constituição material, o cetro também é um signo do falo masculino e, naturalmente, do poder do masculino. Simbolizava uma espécie de eixo do mundo que sustentava a caminhada de quem o segurava. O cetro também conferia a quem o sustentava autoridade e sabedoria. Era o símbolo por excelência do tutor, do mestre e do guia. Nas artes da magia, o cetro ou bastão ganhou o status de vara de condão, arma mágica indispensável dos iniciados na feitiçaria (cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, pp. 123-5).

No caso da versão fílmica que estamos analisando, o cajado aparece sempre como um instrumento mágico. Pode-se citar, por exemplo, o momento no qual ela aponta o cajado para o céu e invoca a tempestade que serve de mote para o enredo. O cajado, também é o objeto que, por ser mágico, protege ela e a filha de Calibã, mantendo a criatura sempre à uma distância segura de ambas.

¹ Informação do site www.imdb.com.

Em outro momento, para impressionar Ferdinand e Miranda, Próspera aparece vestida com sua capa e empunhando o seu cajado. Novamente, ela aponta o cajado para o céu, transformando o dia em noite. Do céu noturno surgem inúmeras constelações em movimentos tridimensionais esteticamente refinados. Para completar o espetáculo mágico, Ariel também aparece nestas imagens, fazendo acrobacias. Da mesma forma que começara, Próspera aponta o cajado para o céu noturno e as constelações desaparecem, dando lugar novamente ao dia (60min18s).

O cajado mágico ainda é utilizado mais uma vez. Em uma cena posterior à que foi descrita anteriormente, Próspera traça com o cajado um círculo na areia, que, uma vez completado, incendeia-se (60min30s). A câmera focaliza a cena do alto, de onde se vê Próspera no meio deste círculo com o cajado erguido na mão direita. A imagem do fogo que vem do chão anuncia o fim do ciclo do enredo passado na ilha. Ao mesmo tempo em que simboliza a destruição, o final do ciclo, o fogo simboliza também a purificação e a regeneração de Próspera. Sua vingança chega ao fim, seus inimigos são perdoados. Ciclo fechado, Próspera revela para Ariel que renunciará aos seus poderes mágicos:

PRÓSPERA Graças à minha arte. Mas tal mágica
Aqui renego; e quando houver pedido
Divina música – como ora faço –
Para alcançar meus fins pelos sentidos
Que tal encanto toca, **eu quebro a vara,**
A enfio muitas braças dentro à terra,
E mais profundo que a mais funda sonda,
Enterrarei meu livro.
(SHAKESPEARE, 2011, p.92 – grifo nosso)²

Na fala de Próspera, além do cajado, aparece o livro como elemento mágico que será enterrado junto com aquele. Como já foi apontado anteriormente, os livros e o estudo sempre foram fundamentais para Próspera. Eles representam a luz do conhecimento que ela tanto perseguia. O seu amor pelos livros era tanto, que ela afirma ser maior do que amor que sentia pelo ducado. Referindo-se a Gonzalo, ela diz:

PRÓSPERA **Sabendo que amo os livros, forneceu-me**
Volumes que, da minha biblioteca,
Amo mais que ao ducado.
(SHAKESPEARE, 2011, p. 25 – grifo nosso)

Ao renunciar a arte pela qual tanto prezou ao longo da vida, Próspera está renunciando à liberdade de pensamento pela qual lutou desde sempre. A renúncia da magia coincide com a sua saída da ilha e a sua volta ao mundo civilizado. O momento exige que Próspera retome ao antigo papel que ela desempenhava em Milão e que tem no figurino um signo determinante, como veremos na próxima seção desse artigo.

4. O figurino

² Nesta citação e na próxima, uma vez que a fala do filme é a mesma da peça, optamos por citar o texto da tradução que adotamos para utilizar nesse artigo e que se encontra listada nas referências.

Na adaptação de *A tempestade* realizada por Julie Taymor, a representação do figurino é um dos pontos de maior relevância semiológica. Já que os diálogos da peça, escrita em 1611, permaneceram praticamente inalterados no filme, coube às significações geradas pelo figurino o papel de situar o enredo na contemporaneidade. A concepção e execução do figurino no filme renderam a Sandy Powell, sua criadora, a premiação na categoria de melhor figurino do Oscar 2011³.

Em seu livro *Uma teoria da adaptação*, Linda Hutcheon (2011) afirma que

Uma adaptação, assim como a obra adaptada, está sempre inserida em um contexto – um tempo e um espaço, uma sociedade e uma cultura; ela não existe num vázio. A moda, sem falar dos sistemas de valores, é dependente desse contexto (HUTCHEON, 2011, p. 192).

Nas palavras de Hutcheon, evidencia-se a importância do sistema semiótico da moda para a construção do significado da adaptação fílmica. Em outras palavras, a moda tem o poder de ratificar ou de causar estranhamento diante do tempo ou do espaço fílmico, conforme seja a vontade autoral do adaptador.

Ao investigar a importância do figurino como um sistema semiótico, Fisher-Lichte (1992) pondera que todo ele tem uma função social e que são portadores de significado. A roupa pode comunicar a origem de quem usa (o *kilt* xadrez é logo associado à Escócia), a sua profissão (a farda do policial), a religião (o manto cor de laranja, usado pelos budistas) e assim por diante. Assim, de acordo com Fisher-Lichte (1992), do ponto de vista semiótico, a análise do figurino passa, invariavelmente, por três etapas: o material do qual a roupa é feita, sua cor e sua modelagem.

Estabelecendo-se um diálogo com as ideias apontadas pelas teóricas acima, percebe-se que a importância do figurino na adaptação empreendida por Taymor de *A tempestade* é visceral, principalmente no tocante à personagem Próspera, que é nosso objeto de investigação. Já se falou da importância da capa que a personagem veste na seção anterior, razão pela qual deixaremos a capa de fora dessa seção, para nos concentrarmos na análise de mais dois figurinos usados pela protagonista de *A tempestade*.

Em *A tempestade*, Próspera usa basicamente dois figurinos, um quando está na ilha e outro quando está na corte. Quando está na corte de Milão, a personagem usa um vestido preto feito de couro, estruturado e com a cintura marcada o que ressalta as formas femininas do seu corpo. A cor desse vestido é preta, o que não é de admirar, uma vez que o preto, por ser o pigmento mais caro da época, era usado para tingir apenas a roupa dos nobres e dos abonados. Nesse figurino, duas ocorrências causam estranhamento no espectador: o material empreendido para confeccionar o vestido – o couro, e o uso de grande quantidade de zíperes metalizados utilizados como ornamentação do figurino.

³ A figurinista Sandy Powell tem intimidade com adaptações fílmicas do teatro shakesperiano, especialmente com figurinos de época. Ela também levou o Oscar de melhor figurino no ano de 1999, graças ao trabalho desenvolvido no filme *Shakespeare apaixonado*.

Nos quesitos da cor e da modelagem, o figurino usado por Próspera encontra-se em consonância com a condição social da personagem e também com a moda da renascença, época na qual a peça foi escrita. O diálogo com a contemporaneidade é estabelecido através da escolha do couro para confeccionar o vestido e dos adereços em metal usados para adorná-lo. A escolha desse artifício comunica aos espectadores que apesar de se estar contando uma história de quatrocentos anos, na qual a maior parte dos diálogos da peça não sofre grandes alterações, o tempo do enredo foi atualizado.

Em contraste com o vestido preto usado na corte, na ilha, Próspera usa calças compridas e uma túnica que chega até os joelhos. Essa roupa parece ter sido confeccionada em um tecido que lembra malha ou algodão. A cor da roupa é cinza e neutra. Sobre a blusa existem ornamentos assimétricos de veludo, formando um jogo de superposição. Assim como o corte de cabelo e o material usado para confeccionar o figurino, as calças compridas usadas por Próspera podem ser vistas como um signo da contemporaneidade, pois as mulheres, a partir do século vinte, apropriaram-se desse item do vestuário masculino incorporando-o em seu guarda-roupa. Ressaltando-se afirmar que, as calças compridas foram, a princípio, usadas por mulheres emancipadas socialmente e que se consideravam à frente do seu tempo, como é o caso da personagem em tela. Pode-se inferir também que as calças usadas durante sua temporada na ilha estaria ligada à perda da sua feminilidade, ideia que coaduna com a modelagem solta da roupa.

Analisaremos, agora, a cena que consideramos mais emblemática e que, de certa forma, sintetiza tudo o que discutimos até então. Após renunciar seus poderes mágicos, quando a trama está se encaminhando para o final, a protagonista ainda se encontra vestida com a túnica e as calças compridas descritas anteriormente. Nesse momento, ela comunica a Ariel que irá trocar de roupa antes de aparecer para os demais e elucidar todos os mistérios. Ela ainda afirma que quer aparecer como “nos tempos de Milão”.

Na cena seguinte, Próspera aparece com o vestido preto de couro usado na corte e Ariel está apertando os cordões do espartilho. Nesse momento, a câmera focaliza o incômodo e a dor provocados por aquele gesto, refletidos na captura em *close* que a câmera faz do rosto da personagem. Através dessa imagem, se deduz o quanto Próspera está infeliz. A cena leva a crer que, ao vestir de novo o vestido preto, signo da corte de Milão, ela volta a ser aprisionada dentro dos padrões do feminino representado pelo vestido com espartilho. Ao contrário do poder e da liberdade que gozava na ilha, quando usava uma roupa larga e confortável.

Considerações finais

Certamente, muito ainda há para explorar em *A tempestade*. Nosso propósito, no entanto, foi o de cotejar o texto dramático com a adaptação de Taymor, observando as novas redes de sentido que foram geradas a partir da mudança de gênero do protagonista do texto dramático, que passou a ser Próspera.

A atriz Helen Mirren encarnou a Próspera imaginada por Taymor. Assim como a tempestade serviu de mote para a peça e para o filme, a *performance* irretocável de Mirren foi determinante para o empreendimento da análise semiótica que realizamos. Destacamos na análise signos gerados pela aparência da atriz – como o cabelo e o figurino e alguns objetos que estavam visceralmente ligados à caracterização da personagem – como é o

caso da capa, do bastão e dos livros. Juntos, esses elementos constroem novas redes de significação que, ao mesmo tempo atualizam e ressignificam a peça escrita por William Shakespeare, inserindo-a assim, em *continuum* semiótico, sempre em devir.

Referências

A tempestade. Direção: Julie Taymor. [S.I.]: Miramax films, 2010. 1 DVD (110 min). NTSC, color. Título original: The Tempest.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

FISCHER-LICHTE, Erika. **The semiotics of theater.** Indiana: Indiana University Press, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** (trad. André Cechinel). Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

SHAKESPEARE, William. **A tempestade.** (trad. Bárbara Heliadora). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

The tempest. Disponível em < <http://www.imdb.com/title/tt1274300/>> Acesso em: jul. 2012.